COLECÇÃO OESTE

O inferno de dois mundos

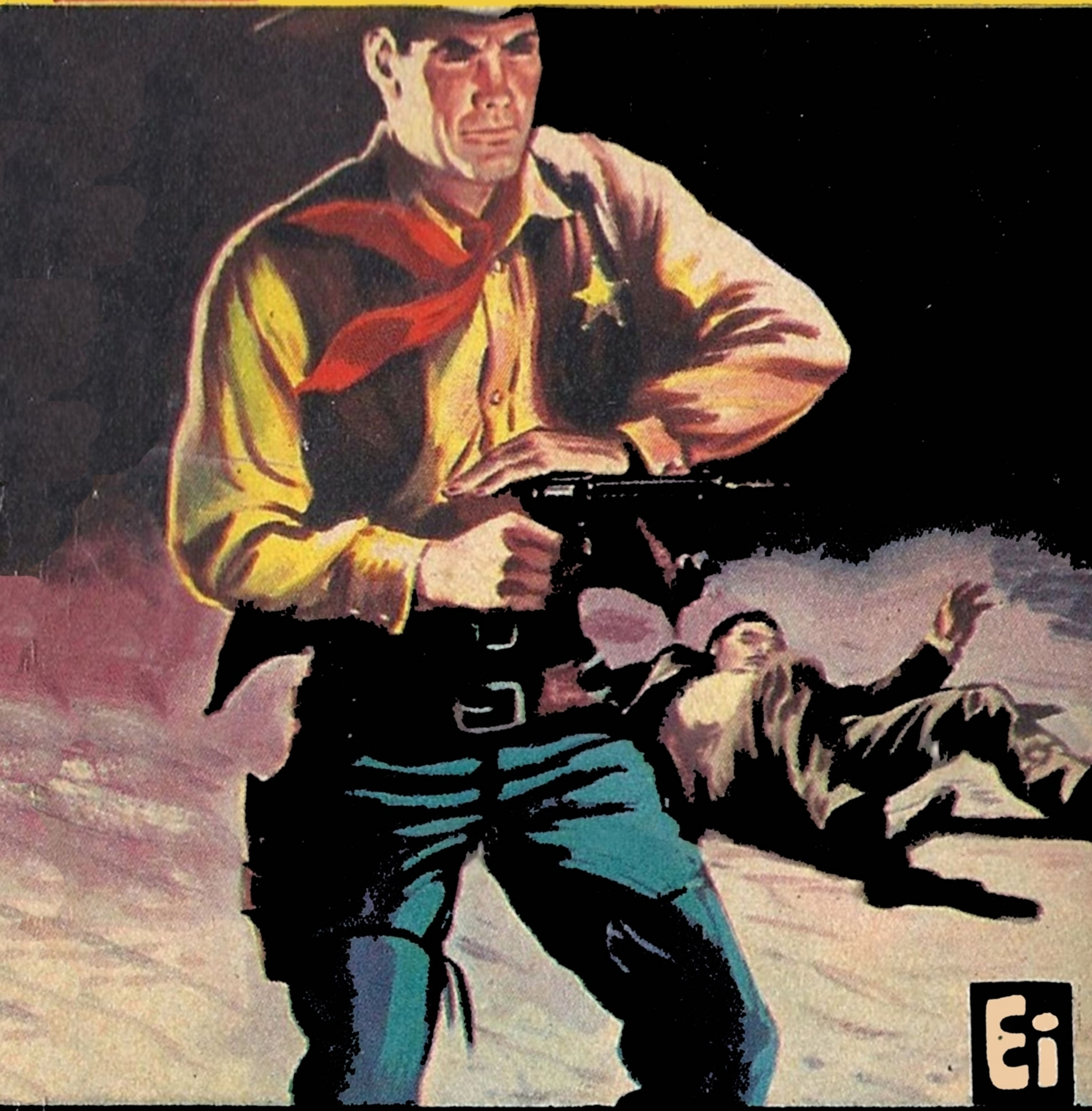
COMICS NA WEB

M. L. ESTEFANIA

Ei

COLECÇÃO OESTE

O inferno de dois mundos

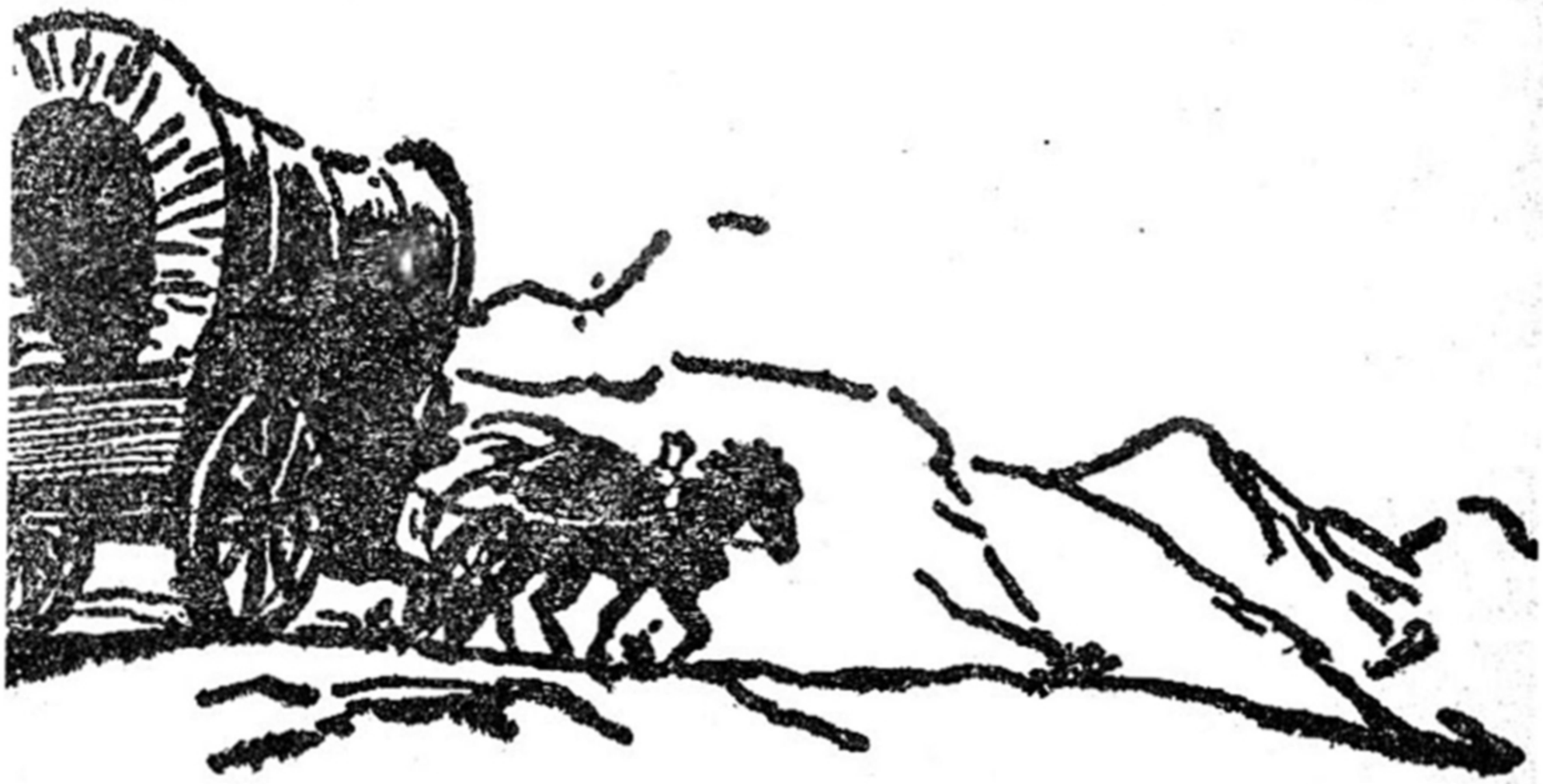


M. L. ESTEFANIA

Ei

colecção OESTE-152

O INFERNO DE DOIS MUNDOS



colecção OESTE

Últimos volumes publicados:

143 — UM REVÓLVER PERIGOSO, por Kelth Luger
144 — FAMA INJUSTA, por Marcial L. Estefania
145—CUMPRIREI COM O MEU DEVER, por John Lack
146 — LEILÃO TRÁGICO, por M. L. Estefânia
147 — O MISTERIOSO FLIOT, por Fidel Prado
148 — JOGO DURO, por Wikky Roberto
149 — VELHACOS MASCARADOS, por Alf
150 — PERIGO EM SANTA FÉ, por Orland Garr
151—SEMPRE EM PERIGO, por M. L. Estefania
152—O INFERNO DE DOIS MUNDOS, por M. L. Estefania

A seguir:

153—UMA CABANA NO LAGO, por Maria Morgan

Reservados todos os direitos para a Língua Portuguesa em conformidade com a lei em vigor

---

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DE BERTRAND (IRMÃOS), LDA. — TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 7 — LISBOA

MARCIAL L. ESTEFANIA

O INFERNO DE DOIS MUNDOS

Tradução de
ED. MOTRENA

EDITORIAL IBIS, LDA
Rua Henrique de Paiva Couceiro
Venda Nova — AMADORA

outras colecções
do OESTE
outras colecções

Editorial IBIS, Lda.

COLECÇÃO
CALIFÓRNIA

COLECÇÃO
KANSAS

COLECÇÃO
«COLT»

COLECÇÃO
COLORADO

PREÇO 8$00

Volumes «Extra» — Preço: 12$50

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L.

CAPÍTULO I

— Está tudo preparado?

— Tudo.

— E os músicos?

— Estão ao pé da estação, e assim que chegue a diligência, começarão a tocar.

— Não me lembro dele... E tu?

— Tenho uma vaga ideia... Partiu daqui há muito tempo... Quem conheço é sua irmã Carol...

— Quem não a conhece? Ela e Jenny são as duas raparigas mais bonitas do Arizona. Todos os viajantes que passam por aqui, dizem o mesmo.

— Não há dúvida de que são muito bonitas.

— Eddie não viveu aqui, não é verdade?

— Viveu em Rodwood, onde tinham um pequeno rancho. Ao que dizem, seu pai tinha umas dívidas com Benson e como não lhas podia pagar, o rancho passou a fazer parte integrante do Dois Mundos.

— Em cem milhas em redor poucas são as terras que não pertençam a Benson...

— Talvez em duzentas... Que me lembre, Ajo, Sentinel, Casa Grande, Rodwood e esta estão dependentes dele...

— Por isso, ele é tão despótico e tirano...

— E a sua influência chega a Phoenix... Faz o que quer... Dizem que põe e depõe governadores, como quem muda de camisa.

— Não há quem se oponha à sua vontade...

— Pudera! Tem um verdadeiro exército, mais de quinhentos às suas ordens.

— Mas não julgues que todos o estimem...

— Não é possível estimar quem abusa...

— Que idade terá este novo «Marshall U. S.»?

— Eddie!? Dizem que é novo.

— Segundo consta foi Benson quem o mandou estudar leis...

— Não faças caso de boatos.

— Ao que parece, ele pretende, com essa nomeação estar protegido pela lei, pois não lhe agrada a actividade de Abel Carter, o xerife de Rodwood, diante do qual não se quer curvar.

— Mas tem de curvar-se.

Os dois tipos que falavam, junto ao balcão daquela taberna de tipo mexicano, um era o ajudante do juiz e o outro era o xerife de Gila Bend.

Estavam-se fazendo preparativos para receber o novo «Marshall U. S.», o único que até então ia viver ali. A sua nomeação era federal e, por isso, tinha a máxima autoridade na zona da sua jurisdição. Haviam-lhe preparado uma cómoda residência em

Rodwood, mas ele resolvera pessoalmente que fosse em Gila Bend, visto que sendo natural dali, não queria receber a influência nem a pressão dos velhos amigos da infância. Em troca, no império de Dois Mundos essa decisão não agradou.

Quando Bensou soube que ele iria viver em Gila Bend ficou furioso. Jenny, sua filha, foi encontrá-lo no seu gabinete de trabalho.

— Já sabes que, antes de entrar, tens de bater à porta.

— Sabia que estavas só...

— Não importa...

— Que tens? Estás aborrecido?

— Não estou. Mas deixa-me...

Jenny tornou a sair, encontrando-se, no corredor, com Mike Arrow, um dos homens de confiança de seu pai, e que tentou acariciá-la.

— Cada dia estás mais bonita, Jenny! ?

Ela procurou evitá-lo. Mike, porém, agarrou-a .

— Não me faças aborrecer, pe-

quena. Olha que tenho pouca paciência.

— Largue-me ao chamo o meu pai!

Ele largou-a logo.

— Está bem! Eu é que tenho a dizer-lhe que há um trabalhador dos barracões que se atreve a atravessar o arame farpado, de noite, para falar contigo.

— Isso não é verdade! Deixe Holmes tranquilo! Ele não se mete com ninguém. E é correcto e delicado!

O riso de Mike amedrontou Jenny que, ao ver o caminho livre, fugiu dali. Quando aquele ia a entrar no gabinete, Bensou apareceu à porta.

— Prepara o carro para irmos a Gila Bend, receber Eddie.

— Ele é que devia vir aqui cumprimentá-lo e agradecer-lhe o que fez por ele...

— Realmente, ia fazer uma tolice...

— E é preciso também mostrar os dentes a Abel Carter. Veja lá se ele já veio agradecer-lhe a sua nomeação para xerife?!

— Isso não tem importância, visto estarmos longe da cidade...

— Mas há na cidade quem se alegre...

— Não julgues isso! Nem te preocupes.

— Está bem! Já agora, quero aproveitar a ocasião para lhe falar noutro assunto...

— De que se trata?

— De Jenny!

— Deixa-a tranquila... Bem sabes que és muito mais velho do que ela. Quero para ela alguém que seja importante. Bem sabes que tenho muito dinheiro e uma propriedade como não há outra...

— Mas combinámos que ele seria para mim.

— Se ela não te quer, não a poderei forçar...

— Para se encontrar com um trabalhador dos barracões. Vi-os ontem à noite, a beijarem-se... É por isso que ela não faz caso de mim...

— Dá-lhe uma tareia e põe-o fora

do rancho. E não tornemos a falar mais nisso.

Ao sair, Mike viu a rapariga acariciar os dois cães que estavam amarrados em frente da porta de entrada e que se tinham tornado os melhores amigos dela, apesar de serem umas verdadeiras feras. Jenny passava horas, ao pé deles, a dar-lhes gulozices e a brincar com eles, em doidas correrias. Era quase a sua única distracção. Os dois animais eram de tal força, que seriam capazes de matar fosse quem fosse.

Jenny ia todos os domingos, de manhã, à missa, juntando-se com Marge, irmã do xerife Abel Carter, e Carol, a professora oficial. Embora fossem suas amigas, desde a infância, Jenny percebia que elas não gostavam de seu pai, o que acontecia também com muita gente, embora o tratassem com servilismo. Foi Carol quem lhe explicou um dia o que se passava com seu pai e que todos chamavam ao seu rancho o «Inferno de Dois Mundos».

Muitas coisas se esclareceram, então, ao seu espírito. O rancho, tinha aumentado consideràvelmente com a anexação de outros ranchos que, mais do que comprados, tinham sido roubados, e que as autoridades faziam o que seu pai queria.

Quando ia a retirar-se da janela, viu Mike sair de novo, acompanhado de But, um tipo hercúleo, que era o capataz das plantações de algodão, enquanto o capataz do rancho era Arnold Barnes, um jovem vaqueiro que meses antes havia chegado do Texas.

Já tinha caído a noite, quando ela tomou o caminho da cerca de arame farpado, junto da qual Holmer Parker, devia estar à sua espera, como de costume.

CAPíTULO II

— Posso falar com o xerife?

— Fora daqui... Estamos fartos de bêbados...

— O que é isso, Horace? — perguntou o xerife, do seu gabinete.

— É um mexicano, da equipa de «Dois Mundos»... E demais a mais, bêbado. Se tem alguma coisa a reclamar, que reclame a Benson.

— Deixa isso comigo...

— Não te metas em sarilhos, Abel... — disse Horace.

— Deixa-o comigo. — E voltando-se para o visitante, indicou-lhe uma cadeira. — Sentte-se aí e diga o que quer.

— Obrigado, senhor Cárter! Disseram-me que o senhor é amigo da jus-

tiça e que não está ao serviço de «mister» Benson, como afirmam.

— Eu procuro que a Lei seja respeitada. De que se trata?

— De uma coisa horrível. Mataram à paulada, o meu melhor amigo. E eles não sabem que eu observei tudo.

— Conte como foi isso? E quem era o morto? O senhor trabalha no rancho «Dois Mundos», não é verdade?

— Sim, s e n h o r ... Eu estava na plantação de algodão. O meu companheiro Holmes Parker trabalhava ao meu lado. Eu gostava de falar com ele, pois era um rapaz muito instruído. Depois de acabarmos o trabalho, Mike e But foram chamá-lo, não sei com que pretexto. Desconfiando daquilo, segui-os conforme pude, sem que dessem por isso. Levaram-no para o fim da plantação, e espancaram-no tão brutalmente que acabaram por matá-lo.

— Está disposto a assinar essa declaração?

— Sim, senhor, embora saiba que me matarão. Mas não quero que esses homens fiquem sem castigo.

— Está bem! — replicou Abel, que chamou o seu ajudante — Horace!

Este entrou imediatamente:

— Não faças caso do que este tipo está a dizer! Devia ter havido alguma peleja entre eles.

— Estavas, então, a escutar?...

— Não quero que te defrontes com Benson... Sabes o que isso significaria? Demais a mais, Mike e But são os homens de confiança de Benson...

— Não quero saber disso... O que quero é que reduzas a escrito o depoimento deste homem, para ele assinar...

— Eu não escreverei nada. De resto, não acredito no que este homem diz... Não deves esquecer que foi Benson quem te fez xerife, pois

deu ordem a todos os eleitores para votarem em ti.

— Se não escreves, escreverei eu...

— E eu irei dizer a Benson o que estás urdindo contra ele.

Estas palavras valeram-lhe uma grande tareia do xerife, que o arrastou até à rua, depois de tirar-lhe a placa de comissário. Tornou a entrar no seu gabinete de trabalho para escrever a declaração do trabalhador, que este assinou. Depois, meteu-a no peito, a fim de entregá-lo ao condutor, com destino a Gila Bend. Entretanto, combinava com o denunciante, onde havia de esconder-se, para não ser vítima da vingança de Benson, guardando no arquivo uma cópia da declaração.

Ao mesmo tempo que isto se passava, Horace foi conduzido a casa do médico, para o tratar, e a que contou tudo o que se passava.

Precisamente quando Abel ia sair, para visitar Benson, apareceu o juís, acompanhado de um amigo.

— É verdade que aceitaste uma denúncia contra Benson? — perguntou Conklin.

— Essa denúncia não é contra Benson, mas sim contra os dois capatazes Mike e But, que mataram um trabalhador do rancho.

— Provàvelmente, foi em peleja...

— Não houve peleja nenhuma. Foi um assassinato, uma morte por espancamento. Há uma testemunha...

— Horace diz que o tipo estava bêbado!

— Eu afirmo-lhe que não. Horace é que é um cobarde.

— Admitamos que é assim. Que nos importa isso? De resto, o caso ocorreu dentro do rancho de «Dois Mundos».

— Tambem o senhor? Pois fique sabendo que esse crime não ficará sem castigo...

— Já pensaste no que Benson é capaz de fazer? — perguntou o juiz.

— Levar toda a população à miséria...

— Sinto muito, mas a Lei tem de ser respeitada.

— Deves estar doido, com certeza... Não conseguirás nada, com certeza!

O xerife encolheu os ombros, sem fazer caso do que o juiz dissera e, montando a cavalo, tomou a direcção do rancho «Dois Mundos». Ao chegar à cerca de arame farpado, da qual a residência ficava à distância de meia milha, disse ao guarda que queria falar com Benson. O guarda foi comunicar o facto a Mike, que, por sua vez, o transmitiu a Benson.

— Deixa-o entrar — disse-lhe este. Não o devias fazê-lo esperar...

— Ele tem de acostumar-se a que aqui não manda nada.

— Tens razão!

Foram logo abrir a porta a Abel Cárter que fez galopar o cavalo, na direcção da casa. Os dois cães puseram-se logo a ladrar, pelo que Jenny assomou à janela para ver quem era.

Ainda trocou algumas palavras com o xerife. Mike, porém, impediu que

ela conversasse com Cárter e conduziu este ao gabinete do seu patrão. Ao vê-lo, Benson disse-lhe:

— Já era tempo de que aparecesses por aqui, Abel! Há mais tempo que devias ter vindo agradecer-me o resultado da eleição. Mas, enfim, desculpo isso, por te considerar uma pessoa de confiança, com condições para exercer o cargo de xerife. Sabes que tua irmã Marge está cada vez mais bonita... Como sou viúvo, lembrei-me...

— Minha irmã já não precisa de pai...

Benson empalideceu.

— Eu não quero dizer isso... Mas sim que pode vir ser a dona de tudo isto...

— Eu vim aqui para tratar de coisas sérias, e gostaria de que falássemos a sós.

Compreendendo o que ele pretendia, Benson mandou sair Mike, depois do que disse para Cárter:

— Já estamos sós. Que queres dizer?

— No seu rancho, trabalhava um rapaz chamado Holmes Parker, não é verdade?...

— Que te interessa isso?

— Trata-se de um assunto oficial... Tive conhecimento que esse homem foi morto, ou antes, ou antes, assassinado no seu rancho...

— Assassinado? Quem te contou essa história? Se soubesse que vinhas aqui com essa fábula, não te deixaria aqui entrar. Nem admito que digas isso... Acho que deves falar com mais respeito a quem deves o cargo que exerces...

— Seja como for, tenho a obrigação de fazer cumprir a Lei que jurei defender...

— Como disseste que se chamava esse tal rapaz?

— Holmes Parker.

— Não sei, não conheço tal nome. Deve ser algum trabalhador eventual.

— Eventual ou não, era um jovem cheio de vida.

— E quem o matou, então?

— Os seus homens de confiança: Mike e But.

— Estás doido, com certeza. Já vamos saber isso! — E em voz alta chamou Mike, que esperava fora da porta.

CAPÍTULO III

A porta abriu-se para dar entrada a Mike.

— Quer alguma coisa, patrão?

— O xerife veio dizer-me que tu e But mataram um vaqueiro...

— Quem? — perguntou Mike. — Vamos! Essa estrela fez-te perder o juízo, decerto...

— Estou a ver que terei de interrogar os outros trabalhadores...

— Não interrogarás ninguém, podes morrer de algum «desastre»...

— Foi isso que aconteceu a Holmes Parker, não é verdade? — replicou Abel. — Havemos de ver isso... — E saiu, batendo com a porta.

Jenny que entretanto chegara ao corredor, correu ao encontro do xerife.

— Que aconteceu, Abel?

Mas, seu pai, que aparecera à porta do seu gabinete, gritou-lhe:

— Vai para o teu quarto!...

A rapariga obedeceu e o xerife afastou-se, para sair.

Benson voltou para dentro do gabinete, onde Mike continuava.

— De forma que mataste esse rapaz?

— Asseguro-lhe que foi um acidente...

— Pois denunciaram-te. Felizmente que Eddie já deve ter chegado, a Gila Bend. E irei falar com ele, para que Cáter deixe de meter o nariz onde não é chamado... O pior é se esse maldito consegue provar que tu e But mataram Holmes...

— Ninguém poderá provar coisa alguma, nem mesmo uma autópsia, pois não entregaremos o cadáver.

— Mas como foi isso?

— Surpreendi-o a falar com Jenny. Por esse motivo, tivemos uma discussão e ele agrediu-me. Enfureci-me e,

juntamente com But, dei-lhe uma tareia. Mas a nossa intenção era apenas fazê-lo sair do rancho...

Benson estava furioso e aborrecido. Não gostava de defrontar-se pessoalmente com Abel. Tinha de falar com Eddie para que este o exautorasse e nomeasse outro xerife, menos violento, mais «brando».

Entretanto, ao chegar ao xerifado, Abel encontrou ali várias pessoas, para aconselhá-lo a não levar o caso, por diante. Uma delas era o juiz, que foi o primeiro a tentar convencê-lo.

— Não me farão desistir... Assassinaram um homem, brutalmente. Tenho de fazer cumprir a Lei. E considerarei cúmplices desse crime, os que querem fazer-me mudar de ideias.

— Esqueces-te de que, se trazes essa estrela ao peito, a deves a Benson?

— Eu não apoiarei assassinos. Além disso, eu não pedi a Benson para ser xerife...

O juiz desistiu do seu intento, pensando que só Marge e Carol poderiam fazer que Abel mudasse de ideia. Mas estas também não conseguiram coisa alguma.

— Não nego que tens razão. Mas não adivinhas qual será o resultado da tua intransigência? A população da cidade é que vai sofrer com isso... E tirarão Carol de professora...

— Ela tem o irmão em Gila Bend... Que vá para junto dele.

— Como te tornaste vaidoso, com a estrela de xerife...

Isto foi o bastante para que Abel se julgasse ofendido e saísse de casa, resolvendo ir ficar no hotel, deixando Marge penalizada. Quando chegou, porém, ali o hoteleiro quis negar-lhe hospedagem, alegando que não tinha nenhum, o que valeu uma sova dada por Abel. E pior teria sido se não aparecesse nesse momento Carol que se abraçou a ele:

— Que é isso, Abel? Queres matá-lo?

— Era o que ele merecia, por ter-me negado alojamento...

— Mas tu não precisas de hospedar-te no hotel. Marge está arrependida do que te disse... Entretanto, o hoteleiro teve de ser levado a casa do médico, a fim de receber curativo. Apesar do estado em que ficou e do medo que tinha do xerife, não deixou de demonstrar a sua má vontade, o que fez que o médico reprovasse a sua atitude.

— Para que lhe negaste quarto?

— Queria demonstrar-lhe que não estamos de acordo com ele.

— Pois aí tens a demonstração nas costelas, na cabeça e na cara.

No «saloon» também comentavam todos esses factos, e a maior parte estava contra Abel Cárter.

Apenas o «barman» se permitiu observar:

— Pois eu creio que o xerife cumpre o seu dever. É preciso ter em conta que lhe denunciaram um crime...

— É melhor que te cales... Essas coisas não nos interessam — retorquiu o dono do bar. — Além disso, bem sabes que todos nós dependemos de Benson e que não ganhamos nada em estar ao lado do doido do xerife.

Que as coisas eram assim, provou-o o facto de que quando chegado à cidade, de passagem para Gila Bend, todos acorreram a cumprimentá-lo, no «saloon», onde eles entraram:

O juiz foi o primeiro:

— P o s s o assegurar-lhe, «mister» Benson, que ninguém está ao lado desse doido...

— Onde está esse mexicano que foi apresentar-lhe essa denúncia estúpida?

— Ninguém mais o viu...

— Pois preciso saber onde está, para ir falar com ele. Procurem o seu paradeiro. Eu tenho de ir a Gila Bend, falar com Eddie. E espero que dentro de dois dias teremos novo xerife...

— Ainda bem. Ele continua a fazer o que quer. Nem respeita o que eu lhe digo.

— Mas sempre é verdade que esse tipo fez uma declaração que assinou?

— É! Horace contou-me o caso, que o próprio Abel depois me confirmou, dizendo-me que tinha em seu poder uma cópia dela. Depois de Benson ter continuado a viagem, o juiz ainda pensou em ir aconselhar mais uma vez o xerife, mas o director do jornal da cidade desimaginou-o disso.

Os comentários na cidade eram os mais variados, pois a maior parte não era contra o xerife, e se alguns falavam a favor de Benson, era com medo deste e dos seus homens. O pior eram as mulheres que procuravam exercer influência em seus maridos, para enfrentarem o xerife. Uma amiga de Marge e de Carol foi encarregada por outras para convencer as duas amigas de fazerem pressão sobre Abel Cárter. Mas Marge respondeu-lhes que estava de acordo com seu irmão e que os criminosos deviam ser castigados.

★

Nesse mesmo dia, o xerife resolveu ir ao seu rancho, perguntando a si própria se a sua atitude era normal. Era verdade que punha um perigo a tranquilidade da população. Mas também ele, como xerife, tinha a obrigação de cumprir com o seu dever e não lhe restava a menor dúvida de que Holmes fora assassinado.

Por outro lado receava que Benson descobrisse que ele escondera no seu próprio rancho, pois era capaz de mandá-lo matar. Estava desejoso de falar com Eddie, a quem mandara uma nota explicativa, com a declaração original, devidamente assinada.

Assim que chegou ao rancho, Arnold, o seu capataz, comunicou-lhe:

— Já sei jue as coisas correm mal, na cidade. Acaba de chegar um dos nossos vaqueiros que viu Benson no bar e o ouviu perguntar onde poderia encontrar o denunciante. Felizmente, que eu o escondi. Desconfio bem que

esse vaqueiro é um traidor, capaz de vender-nos...

Com efeito, Arnold não se enganara, pois daí a pouco foram encontrá-lo, a discutir com dois companheiros seus, fazendo a acérrima defeza de Benson.

Uma vez descoberto, ainda quis fazer uso do «Colt», mas Abel não lhe deu tempo a isso...

CAPÍTULO IV

— Eddie! Está lá fora uma visita.
— Quem é?
— «Mister» Benson.
— Que entre!
Mas Benson não era homem que esperasse.

— Que é isto? Fazer-me esperar, eu disse quem era e esse comissário devia saber...

— Ele cumpriu com as ordens que tem... Aqui, ninguém entra sem eu autorizar...

— Estás falando a sério? Esqueces-te de que?...

— Pode estar certo de que não esqueço nada. O facto de que devo estar-lhe agradecido não pode alterar as ordens estabelecidas. Isto é uma dependência oficial, que deve ser res-

peitada. — Benson estava estupefacto Que tal pelo rancho? E Jenny? Deve estar uma mulher!... E bonita, não é verdade?!

— Linda, como poucas!

— Então, o que o traz por cá?!

— O Abel Cárter, numa atitude incompreensível, está contra mim, sem ter em conta que eu é que o fiz xerife.

— Que aconteceu, então? — perguntou Eddie, sem demonstrar interesse.

— Foram dizer-lhe que no meu rancho foi assassinado um homem, quando ninguém sabe nada a esse respeito. E o caso é que não quer acreditar no que eu lhe disse...

— Se foram denunciar-lhe que houve crime, é natural que ele procure averiguar a verdade...

— Mas se eu lhe disse que não houve nada, tem de acreditar em mim. E nem sequer faz uma acareação com o denunciante.

— Ele fará as coisas a seu modo,

em defesa da Lei, que é igual para todos. De resto, para sua própria defesa, o senhor deve ajudá-lo nas suas averiguações.

— Confesso que não esperava ouvir isso da tua boca...

— Mas é assim mesmo. Ao senhor interessa, tanto como a ele, que o rancho «Dois Mundos» fique livre de suspeitas...

— O que tens de fazer... é destituí-lo do cargo de xerife, nomeando outro. Em Rodward todos esperam que eu leve essa boa notícia...

— Pois está bem livre disso. Abel Cárter continuará a desempenhar esse cargo, ajudado por mim. É uma vez que o senhor pretende isso é, porque alguma coisa há realmente e por esse modo quer ajudar os seus homens...

— O quê? Também tu? Esqueces que fui eu quem fez que fosses nomeado «marshall»?

— Uma coisa não tem nada a ver com outra. Eu estou aqui para defen-

der a Lei... E deve ser esclarecido se houve algum crime ou não...

— Nesse caso, farei que ambos sejam destituídos dos seus cargos...

— Mas antes serão castigados os assassinos, se os houve. — E depois de ordenar ao comissário que desarmasse Benson, concluiu. — E o senhor, sinto muito ter de ordenar, fica preso.

Benson ainda quis resistir, mas não lhe serviu de nada, e foi encarcerado. Quando pouco depois o juiz soube o que acontecera, este observou:

— Sabes o que fizeste, Eddie?

— Cumprir com o meu dever... A Lei deve ser respeitada por todos e a nós cumpre fazê-la respeitar. Quanto ao mais, não se preocupe. Nada acontecerá. Se for preciso, temos o exército ao nosso lado.

Com efeito, Eddie esteve pouco depois no forte a falar com o respectivo comandante. Havia suspeitas de que o rancho «Dois Mundos» era um foco de contrabando. A prisão de

Benson converteu Eddie num verdadeiro ídolo, visto que a maior parte da gente afirmara que ele fora nomeado «Marshall U. S.» mais para servir os interesses de Benson, do que os da Lei. Uma das pessoas que mais apoiou a decisão de Eddie foi Agnes, a dona do «saloon» mais importante de Gila Bend. Em contrapartida, o juiz era um dos poucos que protestava contra a prisão de Benson.

— Receio que dê mau resultado...

— Tenho a certeza de que não dará... Benson atreveu-se a ameaçar Eddie, e este fez muito bem...

— Pois sim... O pior é se os homens de Benson aparecem por aí...

— Marshall encontrará meio de desembaraçar-se deles.

★

Na manhã seguinte, Eddie foi ao xerifado, em cujos calabouços Benson passeara a noite. E para poder sair em liberdade, o rancheiro teve de su-

jeitar-se à exigência de Eddie: pedir perdão tanto a ele, como ao comissário. Era uma humilhação que ele jamais perdoaria. Havia de escrever aos seus amigos de Phoenix para que destituíssem Eddie do lugar de «Marshall U. S.». Mas mal pensava ele que a sua nomeação tinha sido feita em Washington, embora a instância das autoridades do Arizona.

Assim que chegou a Rodwood, Benson entrou no bar, como uma fera, para saber do paradeiro do vaqueiro, que fizera a denúncia. Mas ninguém sabia.

— Que disse Eddie? Destituiu o Cárter?

— Eddie? É tão bom um, como o outro! Calcula que se atreveu a prender-me. Estive toda a noite, no calabouço. Mas os dois hão-de pagar-me... Serão arrastados pelas ruas da cidade. Todos estavam assombrados com o que se passava. Só Abel, quando soube do caso, se pôs a rir, sem fazer caso da ameaça feita por Benson.

Entretanto, no rancho Jenny tentara mais de uma vez fugir, mas os homens de confiança de seu pai impediram isso. Só Mike lhe disse que «se se portasse bem com ele», deixá-la-ia fugir. Jenny, porém, compreendera o que queria aquilo dizer e procurou evitar o encontro com o miserável.

Quando seu pai entrou no rancho, Mike foi logo ter com ele, para saber o que se passara e Benson explicou-lhe tudo.

— Deixe o caso connosco. Ajustaremos contas com ele...

— Não convém que vocês intervenham no caso. Arranjem uns homens decididos a liquidar o caso, mas sem pensarem em que se trata do «Marshall».

★

Aproveitando esse momento, Jenny, acompanhada dos dois cães de guarda, tentou sair, no que foi im-

pedida por um dos vaqueiros, a quem os animais se atiraram, matando-o. Correu em busca do cavalo, mas ao chegar à porta da cerca, encontrou outro guarda, que teve a mesma sorte que o primeiro. Depois disto, cavalgou na direcção da casa do xerife, indo encontrar ali Marge e seu irmão, a quem contou como conseguira fugir. E só nessa altura é que soube que Holmes fora assassinado por Mike e But.

— Miseráveis! — exclamou ela, chorando.

Abel e Marge procuraram tranquilizá-la, aconselhando-a a partir para Gila Bend.

Com efeito, os três partiram nessa mesma noite, para Gila Bend, onde chegaram no outro dia, de manhã, partindo para o Forte, com Eddie.

CAPÍTULO V

— Já sabem! Devem levar os homens necessários, mas que ninguém os veja...

— Nesse caso, é melhor que eles vão sòzinhos. Pois já sabem o que têm a fazer...

Benson concordou com a sugestão e foi descansar, visto que não tinha dormido quase nada a noite anterior. Mike e But estavam furiosos, por desconhecer o paradeiro do vaqueiro, que os tinha denunciado, e que o juiz talvez soubesse.

Foi só nessa altura que eles deram por falta tanto dos dois guardas como de Jenny, indo encontrar, por fim, os cadáveres dos dois homens, que haviam sido esfacelados pelos cães, nas guaritas, tapadas com sacos, che-

gando, então, à conclusão de que Jenny havia fugido, de casa.

Quando mais tarde, soube da sua fuga, Benson ordenou a alguns homens seus, entre os quais Mike e But, que fossem procurá-la à cidade ou ao rancho de Abel, onde provàvelmente tinha ido acolher-se.

Arnold, capataz do xerife, ao vê-los entrar, sorriu para dentro, supondo que eles iam procurar o vaqueiro denunciante, mas ao saber o verdadeiro motivo da sua busca, disse-lhes:

— Quando meu patrão souber que os senhores vieram fazer uma busca aqui, sem sua autorização, não lhes queria estar na pele.

Os cavaleiros, sem fazer dessa advertência, resolveram regressar ao rancho, ficando apenas três na cidade, para ver se a encontravam.

Assim que souberam o que se passava, Marge e Carol foram ao encontro de Abel, a quem deram conhecimento de tudo.

Depois de reflectir sobre o que de-

via fazer, Abel marchou para o seu rancho, deixando aviso ao seu ajudante, para que se houvesse alguma novidade fosse ter com ele.

Ao saber isto, o juiz transmitiu a notícia aos homens de Benson que caíram na armadilha, marchando de noite, a fim de tomarem posições estratégicas.

Abel e o seu capataz Arnold que esperavam isso mesmo, receberam-nos de rifle, em punho, disparando contra eles, depois do que ocultaram os seus cadáveres na montanha.

Abel não tardou a saber que fora o juiz quem comunicou aos quatro sequazes de Benson que ele se encontrava no rancho.

Precisamente, na manhã seguinte, o juiz encontrava-se no bar, esperando impaciente que Benjamim e os outros vaqueiros aparecessem. O «barman», que notou isso, não se pôde conter:

— Que tem, senhor juiz? A tremer.

— Não tenho nada.

— Eu sei o que é? Mas não se preocupe. Eles hão-de aparecer... E que me diz à fuga de Jenny?

— As raparigas hoje são muito estranhas...

— Estará ela contra seu pai, por causa da morte do tal rapaz?

— Não creio. Que importância tem isso? Nenhuma...

— O xerife é que não é da mesma opinião...

— O xerife? Ora adeus. Amanhã teremos outro...

— E quem é, pode-se saber? O juiz ficou aterrado ao ver Abel entrar.

— Eu não... disse... nada...

— Não se engasgue! Vamos. Diga lá! E diga também a conversa que teve com os quatro pistoleiros de Benson!...

— Não fui eu... Foi Benson quem lhes disse que deviam matar-te, para tranquilidade de toda a população, acrescentando que a tua atitude nos arruinar!...

— Estão a ouvir? Estava de acordo

com esses assassinos que foram esperar-me à saída do rancho, para matar-me à traição.

— Era por isso que ele estava nervoso e impaciente à espera desses assassinos — observou o «barman».

O juiz ainda quis fugir da fúria de Abel, mas antes de chegar à rua, caíu morto ao pé da porta.

Todos olharam assustados, sem proferir uma palavra. Houve, porém, um dos que assistiu à cena que se permitiu observar:

— Isto ainda há-de trazer sérias complicações. Benson é muito capaz de mandar aqui algumas dezenas dos seus homens, em pé de guerra...

Para que não fosse avisar o ranchеiro do que acabava passar-se, Abel também não perdoou a esse que disse, e alcançou-o ainda a tempo de dar-lhe uma tremenda sova, após o que o levou para o calabouço, sem que ninguém interviesse. Era certo que alguns consideravam ìntimamente que o xerife estava a ser duro demais,

mas não deixaram de concordar que só com pulso de ferro, ele faria estabelecer a ordem na região.

Pouco depois, a mulher do preso, foi ao xerifado, para protestar.

— Que quer?... — perguntou-lhe o xerife.

— Que ponhas meu marido em liberdade... Ele não te fez mal nenhum...

— Ia provocar uma desgraça, avisando Benson... E sabe o que este fazia? Soltaria a sua alcateia de lobos, que entrariam na cidade, sedentes de sangue, disparando, saqueando e largando fogo a tudo...

— A culpa é tua...

— A culpa é de seu marido e de outros loucos, como ele, que se têm curvado diante de Benson...

Algumas mulheres convenceram a esposa do preso de que o xerife tinha razão, e ela acabou por resignar-se. Quando ficaram sós o capataz e o xerife, aquele disse-lhe:

— Parece-me que tens de abando-

nar isto, para não seres vítima de alguma traição.

— Tens razão. Há que reconhecer que estamos numa terra de imbecis...

Não obstante, a atitude de Abel, dura e inflexível, ia acalmando toda a gente.

Nesse dia, porém, apareceu na cidade uma carreta do «Dois Mundos» com um cadáver, para ser enterrado, e que, segundo os dois vaqueiros que o trariam, tinha sido atropelado e espernizinhado por uma manobra de gado. Desconfiando do que se tratava, Abel fê-lo identificar, a ocultas, pelo vaqueiros denunciante que o reconheceu como sendo Holmes Parker.

Entretanto, quando os homens de Benson chegaram ao «Dois Mundos» e contaram o que se parrara, o rancheiro não pôde deixar de observar

— Não creio que Abel tenha engolido essa «pílula»... Felizmente, não pode fazer nada sem provas... O que me preocupa agora é minha filha... É preciso procurá-la, seja onde for.

CAPÍTULO VI

— Não gosto de que se riam da Justiça! Se fosse só por mim, não teria importância. Estou certo de que o assassinaram...

— Mas pelo que ouvi, nada podes fazer já...

— Assim é. Oficialmente, teria de encontrar as provas precisas. Mas há-de ser defícil. Mataram-no ao ar livre.

— Não penses mais nisso. Fizeste o que julgavas devias fazer. Não é possível fazê-lo voltar à vida...

— Tenho de ir a Gila Bend para falar com Eddie.

— E Jenny? Voltará a casa?

— Não sei. Informar-me-ei ali. Parece-me que vou deixar o lugar de xerife, para tratar do meu rancho.

— Não é má ideia. Deixa esses problemas para os outros.

Nesse mesmo dia, Abel partiu para Gila Bend. Eddie recebeu-o com agrado:

— Disseram-me que te pregaram uma partida. Mas eu sei de quem foi a ideia...

— É possível?!

— É. Foi de um advogado da capital, amigo de Benson. Soube-o pela condutora da diligência. O caso coincidiu com a visita de Miller...

— E não se pode fazer nada?

— Legalmente, não. Não se pode processar ninguém, só com o testemundo de dois vaqueiros... E a parte mais difícil surge agora. Benson é dos tipos que não esquecem... Como o temos humilhado, ele procurará a maneira de complicar as nossas funções...

— A propósito. O que há acerca de Jenny?

— Continua no Forte...

— Seu pai há-de procurá-la... Mas

não me parece conveniente que ela vá para casa. Seu pai tê-la-á sempre reclusa... Os dois visitaram o forte nessa mesma tarde, contando a Jenny o pé em que as coisas estavam, pelo que ela resolveu regressar a Rodwood, na companhia do xerife, e dali seguir para sua casa.

Com efeito, dois dias depois Jenny aparecia à porta da cerca de arame farpado. O guarda só a deixou entrar depois de consultar Mike, que correu logo ao seu encontro, importunando-a:

— Que foi feito de ti, estes dias? — E como ela estugasse o passo, sem lhe ligar importância, acrescentou furiosa. — Não deves? Estou a falar contigo...

Benson, porém, que chegara à janela, gritou:

— Deixa Jenny tranquila, Mike.

— Depois... falaremos! — replicou Mike, num tom de ameaça. Entretanto, Benson desceu a correr, para abraçá-la:

— Fizeste-me passar uns dias de verdadeira angústia, sem saber de ti. Julguei que esse cobarde do Abel te tinha feito mal...

— Não! Abel é um bom rapaz... Mas quero pedir-te uma coisa. Se queres que fique em casa, não quero ver esses dois assassinos. Eu sei que foram Mike e But que mataram Holmes, como sei que foste tu quem lhes ordenou que fizessem isso...

— Não é verdade!

E Bensou continuou a insistir com a sua história da debandada do gado que atropelou o rancheiro, matando-o.

— Pois eu sei que a sua morte foi por espancamento! Mas não falemos mais nisso... Se os vejo aí, torno a desaparecer!

Em seguida foi para o quarto.

Para evitar que Jenny cumprisse a sua ameaça, Benson mandou chamar os seus três capatazes Tom, Mike e But, a quem referiu o que se passava, convencendo-os, por fim, a não saí-

rem da cerca, nem do seu pavilhão, acrescentando:

— Quando quiserem dizer-me alguma coisa ou trocar impressões comigo, mandam-me um recado, que irei ter com vocês.

Jenny ficou satisfeita quando soube que nem Mike, nem But poriam os pés em sua casa.

Passaram assim duas semanas, até que um domingo Benson foi com Jenny à cidade, encontrando-se frente a frente com Abel. Como obecendo a uma vontade superior à sua, o ranCheiro tornou a falar no caso da morte de Holmes. O xerife, porém, pôs termo à conversa:

— É melhor não insistirmos nisso. A mim, ninguém me engana. E não me esqueço de que o senhor mandou três homens armarem-me uma emboscada, para me liquidarem.

— Não acredites em tal. Se fizeram isso, foi por sua conta e risco...

Pouco depois, despediram-se, mas mantendo-se cada um na sua. En-

quanto, Jenny entrava num dos armazéns para fazer algumas compras, Benson foi até ao bar. Mas também ali, não se falou noutro assunto, pelo que o rancheiro resolveu sair logo.

Três dias depois precisamente apareceram sete vaqueiros, a cavalo, para se divertir na cidade.

Começaram por provocar escândalo no bar. Suspeitando das suas intenções, o «barman» mandou por um homem de confiança um recado ao xerife. Este, porém, não se encontrava na cidade.

O escândalo foi de tal modo que acabaram por ficar sós no bar. Por esse motivo, ocorreu-lhes dançarem, tendo três deles ido à escola para trazerem Carol. Mas esta também não se encontrava ali. Enfurecidos, levaram quatto raparigas, que acabavam de encontrar na rua, com as quais dançaram alternadamente. Os pais destas quiseram apresentar queixa ao xerife, mas não o encontraram. E quando este soube depois o que se

tinha passado, censurou-se por ter estado ausente da cidade. Julgando-se impunes, no domingo seguinte os provocadores voltaram à cidade. As primeiras raparigas que encontraram foram precisamente Marge, Carol e Jenny. E foi esta quem os fez entrar na ordem, pelo que não se atreveram. Mas para darem largas entraram no bar, ocorrendo-lhes obrigaram os fregueses, a pagar-lhes «whiskys», até se fartarem. Dois clientes ainda tiveram de sujeitar-se a essa «obrigação». Foi então que entrou no bar um forasteiro, que acabava de apear-se à porta, e sobre o qual recaíu a atenção dos vaqueiros. E quando um destes o intimou a que lhes pagasse «whisky», o forasteiro retorquiu sorridente:

— Está bem! Se isso é costume, não quero quebrá-lo... E mandou encher os copos para todos. Os provocadores começaram a beber.

— Quanto devo? — perguntou o forasteiro ao «barman».

— Quatro dólares!

— Pague-se daqui! — E levou as mãos aos bolsos das calças. Mas em vez do d i n h e i r o, apareceram nas mãos dois respeitáveis «Colts». — Agora, mãos no ar! E não se mexam. E vocês desarmem estes patifes e despejem-lhe os bolsos. Todo o dinheiro para aqui... E descalcem-se... sem a mais pequena hesitação. As botas, para um canto. Estão prontos?! Quero vê-los dançar... — E começando a disparar para junto dos pés, fê-los sair para a rua, aos saltos, não tardando a desaparecer.

CAPÍTULO VII

— Mas que é aquilo? — perguntou Benson.

— São vaqueiros nossos e vêm descalços... E um cavaleiro atrás deles, de chicote na mão.

— Vou já saber do que se trata.

O desconhecido, porém, antecipou-se a ele, avançando:

— É «mister» Benson?

— Sou, sim...

— Venho da parte de «mister» Miller, de quem trago uma carta.

O rosto do rancheiro abriu-se num largo sorriso e, recebendo a carta, correu à assinatura, após o que a leu com ansiedade.

— Está muito bem. Vamos falar para o meu escritório. Mas que aconteceu com estes homens? — O foras-

teiro referiu o que se passara no bar.
— Não achas que foi um castigo excessivo por uma coisa tão insignificante?...

— Insignificante? Riram-se de mim como dos outros. E podem dar-se por contentes. Em noutras circunstâncias nem os mandava descalçar. Iriam de botas para a cova...

Pouco depois, meteram-se no gabinete, a conversar.

Jenny, assim que soubo o que se tinha passado com os sete vaqueiros, encaminhou-se imediatamente para o gabinete de seu pai, entrando de surpresa:

— Perdão! Não sabia que tinhas uma visita...

Benson entendeu fazer a apresentação:

— Minha filha!...

— Muito prazer em conhecê-la... disse o visitante, admirando-a.

— Agora, estamos muito ocupados, Jenny. Logo falaremos, à mesa. Este meu amigo almoça connosco.

Quando ela saiu, o forasteiro não pôde deixar de dizer:

— Tem uma filha muito bonita, sabe? O que é um perigo, no meio de tantas dezenas de homens...

— Ai daquele que se atrevesse... Eu, não sou para graças...

— É, então, solteira... Mas ainda não tem noivo... — Continuaram a tratar dos seus negócios.

Uma hora depois, já na sala de jantar, Jenny juntou-se a seu pai. Levave outro vestido que fazia realçar a sua beleza, o que foi notado pelo visitante e por seu pai, que nunca a vira tão linda.

— Este nosso amigo vem de Phoenix. Chama-se Hank Morris e vem passar uma temporada connosco...

Os dois apertaram as mãos e Jenny, ao fitá-lo, disse para consigo que já o vira algures... Talvez, em Gila Bend ou no forte. Mas entendeu não revelar essa impressão. No entanto, aventou:

— É ganadeiro?

— Exactamente. Disseram-me que o «Dois Mundos» tinha o melhor gado da região.

— Algum amigo do papá?

— «Mister» Miller, o advogado.

Jenny mudou logo de atitude. Ouvira falar desse advogado a Eddie e no Forte. Para eles, Miller era um vantagista, um chicaneiro e um trampolineiro, como poucos. E concluiu que o visitante seria como ele.

— Miller é um grande amigo e um bom conselheiro — explicou Benson.

Hank, pareceu ter adivinhado o pensamente de Jenny, retorquiu:

— Pois eu tenho a impressão de que sua filha não pensa o mesmo...

— Porque diz isso? Só o vi uma vez e não cheguei a formar uma opinião a seu respeito...

— Então, desculpe... Enganei-me

*

Apesar disso, e autorizados por Benson, o visitante e Jenny foram a cavalo dar uma volta pelo rancho,

visto que Hank manifestara o desejo de vê-lo...

— Trouxe-o, então, aqui?...

— Negócios de gado... como já disse...

— Mas que não é verdade — retorquiu ela. — É difícil, enganarem-me...

— Nesse caso, é inútil insistir... não lhe parece?

— Não me interessa... Mas foi meu pai que o mandou chamar, não é verdade? Ele não pode esquecer Abel, nem Eddie!

— Que quer dizer?

— O senhor sabe muito bem. Hão-de pagar-lhe b a s t a n t e por cada morte.

Hank fitou-a. Depois, pôs-se a rir.

— Toma-me então por um pistoleiro? — Jenny corou e esporeou o cavalo, para se afastar dele. Hank, porém, depressa a alcançou. — Pelo que vejo este rancho é extensíssimo... Um verdadeiro império. As plantações de algodão devem ser também

extensos, o que exige uma grande mão-de-obra.

— Há mais de quinhentos homens... Chegaram a um pequeno bosque, onde se apearam. — A propósito, não creia que esses sete vaqueiros que perdoarão o que o senhor fez... É uma loucura, ficar no rancho...

— Quê? Não mereciam esse castigo?

— Foi excesso. Ficaram com os pés numa desgraça. E meu pai terá de mandar chamar o médico...

— Não é preciso... Seu pai pediu a «mister» Miller para lhe mandar um médico e, por isso mesmo é que eu estou aqui...

— Porque me enganaram os dois? E sendo assim, porque fez o senhor aquilo?

— Não me pude conter... Queria antes que os fosse buscar ao barracão e os matasse, espancando-os...

Jenny deu quase um salto.

— Que quer dizer?

— É a acusação que pesa sobre

este r a n c h o, segundo Miller me disse...

— Holmes morreu atropelado por...

— Eu sei que a senhora não acredita nisso... E até parece que foi a culpado disso segundo ouvi dizer... A senhora falava com ele, através do arame farpado. E esses tipos que não queriam que a senhora falasse com ele, mataram-no...

Jenny não tentou negar.

— Eu não podia pensar que os assassinos que meu pai tem, ao seu serviço, chegassem a esse extremo... Se deram outra versão ao caso foi para não serem castigados legalmente.

Eddie, o «marshall U. S.», acreditaram nisso...

— Esses homens foram designados para esses lugares por seu pai...

— Sim. Para fazerem o que meu pai quisesse. Mas ele enganou-se, porque nem um nem outro acederão aos seus desejos, indo contra a Lei. Pelo contrário, humilharam-no e ele nunca poderá perdoar-lhes isso...

— Vou compreendendo as coisas — disse Hank. — E as plantações de algodão e os armazéns ficam muito longe?

— A umas vinte milhas daqui...

— Que extensão tem então o rancho?

— Cerca de um milhão de acres. Vai até à fronteira. Só lá fui uma vez. Assustei-me ao ver esses cactos gigantescos a que chamam «organ pipes»...

— Também gostava de ver.

— Podemos ir amanhã... Mas tem de ser muito cedo... A distância é muito grande.

CAPÍTULO VIII

— Felizmente que tomámos a precaução de trazer grandes cantis com água...

Bisnagas, pitas, e enormes «organ-pipes» faziam a paisagem. Os lagartos deslocavam-se com tanta rapidez que pareciam voar ao rés do solo. As serpentes permaneciam estendidas, ao comprido, ao sol. A proximidade dos cavalos punha-as em movimento e em guarda, levantando três quartas partes do seu comprimento, como uma mola espiral, e movendo a cabeça, inquieta, em todas as direcções. Havia grande variedade delas e o colorido de algumas fazia esquecer o perigo dos seus colmilhos e o veneno oculto debaixo deles.

— Tenho medo! Não devíamos ter vindo...

— Todos estes répteis fogem por instinto... Só se os surpreendermos e não tiverem possibilidade de fugir é que atacam...

Quando Hank a ajudava a desmontar, um lagarto moveu-se e ela, dando um grito, agarrou-se-lhe com força ao pescoço. Ficaram assim por algum tempo e beijaram-se longamente.

— Se teu pai soubesse...

— Sou maior... Posso fazer o que quiser...

— Pois, sim. Mas sabes o que acontece àquele a quem dedicas a tua atenção.

— Não me recordes isso... Mike disse-me que não lhe agradavam as minhas saídas contigo...

— Que... autoridade tem ele sobre ti?...

— Nenhuma. Mas ameaça... Já me assegurou que podias ser «envolvido»... por alguma manada... E eu

acho-o muito capaz disso... Eu não queria dizer-te nada disto...

— Fizeste bem... Pelo menos, fico prevenido... Mas não pensemos nisso agora... Vou mostrar-te como se mata a sede, num deserto como este.

Aproximou-se de uma bisnaga, de talo, em forma de barril, no qual fez uma incisão com uma faca. Apareceu então um líquido ambarino e doce que Jenny bebeu com deleite.

— Como é admirável a previsão divina!

Entretanto, Hank despejou água de um cantil na copa do chapéu e começou a dar de beber ao seus cavalos. Nesse momento, ouviu-se um tiro e uma bala silvou aos seus ouvidos.

Hank fez sair o rifle da funda que pendia no lado direito da sela.

— Provàvelmente, Mike seguiu-nos.

— Ou algum dos seus homens de confiança...

Hank olhou à sua volta, procurando descobrir o esconderijo do invisível atirador.

— Não saias daqui...

— Dá-me o meu rifle. Eu sei disparar!

Hank, de um salto, deu-lhe a arma, quando se ouviu novo tiro. Só nesse momento, puderam localizar o atirador. Estava oculto atrás de uma bisnaga.

— Vou fazê-lo descobrir-se — disse ele.

— Mas tem cuidado. Quando ele aparecer do outro lado, dispararei.

Hank saltou para cima do cavalo, que partiu como uma flecha, ao mesmo tempo que disparava o rifle. O inimigo foi girando à volta da bisnaga para não ser visto por Hank. Mas isso fez que aparecesse no outro lado. Jenn premiu o gatilho e o tipo caiu no solo, largando o rifle das mãos. Ela e Hank correram na sua direcção. Jenny reconheceu um dos homens de Mike. Revistaram-no cuidadosamente. Com excepção do dinheiro que guardou, Hank enterrou tudo que encontrou.

— Não há dúvida! — disse Hank. — Pagaram-lhe bem pela minha morte... E provàvelmente, também pensava matar-te...

— É verdade! Direi isso a meu pai.

— É melhor não dizer nada. Fazes de conta que não se passou nada...

Duas horas depois saíam do deserto, e não tardaram a encontrar o vestígio de rodas de uma carreta pesada.

— É curioso! — observou Jenny. — Os sulcos descrevem um arco, como se tentassem sair pelo outro lado do deserto.

— Já reparei nisso!

O terreno era árido e montanhoso. Os sulcos tomaram a direcção de um velho e profundo vale, no outro lado do qual havia uma enorme esplanada.

— Continuaremos a explorar o terreno! As plantações de algodão são a noroeste do deserto, onde vários ribeiros ragam os campos.

Não tardaram a encontrar várias

edificações. De súbito, surgiram na sua frente dois cavaleiros, um dos quais reconheceu a jovem.

— «Miss» Benson... Por aqui?

— Perdemo-nos no caminho. Quis mostrar a este meu amigo o deserto, e desorientei-me... E o caso é que estamos esfomeados...

— Podem vir a nossa casa comer...

A meio do caminho, encontraram outro tipo, de ar carrancudo, que olhou desconfiado para Hank.

— Que fazes por aqui, Jenny?

Ela deu-lhe a mesma resposta.

— Suponho que este senhor é o nosso doutor, não é verdade?

— Sou, sim...

— Deve ter cautela...

— Queria conhecer o rancho. Foi um aborrecimento fermo-nos perdido.

Nesse momento, descobriu os mesmos sulcos de rodas até à porta de um dos armazéns.

— Não estendem as plantações até esta meseta?

— Seriam necessárias mais briga-

das de trabalhadores e já temos bastantes problemas com os que já temos...

— Dormem todos aqui?

— Não, senhor. A maior parte fica nos barracões, construídos para esse efeito... Ainda ficam alguns vigilantes. Os mexicanos costumam fazer incursões para roubar...

— Estão assim tão perto da fronteira?

— Talvez umas dez milhas. Não viu esses sulcos de rodas? São dos carros que eles trazem... Mas agora é mais difícil... Vigiamos com mais atenção.

Sidi Level — era este o nome do encarregado — fê-los entrar na vivenda, ordenando que preparassem o almoço para os três.

— O senhor doutor é do Oeste, não?...

— De Nevada. Estudei na Califórnia... e tenho trabalhado em Utah e no Arizona.

— Não há dúvida de que conhece

o Oeste... Mas um doutor precisa assim de duas armas?

— Preciso, como homem, por causa das surpresas... Tenho vivido em regiões onde há muitos coiotes...

— De facto, tem razão! — replicou Sidi, a rir. — Toda a cautela é pouca.

Entretanto, a conversa foi tomando um rumo que pareceu não agradar muito a Hank.

CAPÍTULO IX

— Mike não há-de gostar de que andes a passear com o doutor, tão longe de casa...

— Mike não tem naad com isso! — replicou Jenny.

— Devias ter advertido, pelo menos, o nosso doutor de que Mike é perigoso e, sobretudo, ciumento.

— O senhor já ouviu que «miss» Benson não se importa com isso... Se ela não vê inconveniente em passear comigo, não vou ser incorrecto com ela...

— É que ninguém gosta, sabe... Todos estão enamorados de Jenny...

— Mas ela é quem conta...

— E os outras... pode estar certo. E a mim, também não me agrada...

E direi a teu pai que não te deixe passear assim tanto... Todos comentam esses passeios...

— Isso não me dá cuidado, Sidi. continuarei a passear com quem me apetecer e por onde quiser.

— Pois se não fosse por teu pai, teria de voltar a Radwood, como aconteceu com aqueles sete vaqueiros. Se eles fossem como eu...

— Teriam de andar mais depressa...

— Repare que não está em casa de Benson.

— Porventura isto não é dele?

— Eu direi a meu pai que o senhor disse que isto não é dele...

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Mas disse-o!

— Tens razão, pequena! — observou uma mexicana, aparecendo. — Sidi tem-se considerado sempre dono disto. E trata-nos como se todos fossem seus escravos...

— Cala-te, bruxa dos diabos...

Tentou atirar-se à mexicana. Mas Hank interveio, socando-o e dando-

-lhe um pontapé, que o deixou sem sentidos.

— Tenha cuidado com os seus carrascos! — advertiu a mulher. — Olhe! Aí vem um...

Com efeito, apareceu um guarda em atitude ameaçadora, mas Jenny, que se prevenira a tempo, disparou a tempo, matando-o.

O tiro atraiu a atenção dos outros cinco vigilantes. Como as coisas se agravassem, Hank empuhou também o rifle e não lhes deu tempo a entrarem em casa. Ouviu-se um grande alarido e todos os trabalhadores, mais de cinquenta homens, correram em direcção a casa. A mexicana apareceu à porta:

— Estejam tranquilos, rapazes!

E explicou-lhes o que se tinha passado.

— Larguemos fogo a tudo — gritou um. — Assim, faremos mal a Benson, porque só ele é que é o culpado de tudo. Ele e Mike e But que mataram Holmes, que ia ser nosso

encarregado. E ele era muito nosso amigo...

— Esperem um momento — pediu Hank. — Deixem-me ver primeiro o algodão!

E entrou no armazém. De facto não se enganara. Ocultos no interior das balas do algodão havia pacotes de cânhamo da Índia, a célebre marijuana.

Jenny ainda quis convencê-los a não pegarem fogo ao algodão. Mas recando a fúria daqueles homens, Hank afastou-se dali com Jenny, tomando um caminho diferente. As mexicanas não diriam nada, pois odiavam os vigilantes que tinham matado alguns trabalhadores seus parentes.

Quando os dois chegaram a casa, já Benson tinha partido para as plantações, com todos os seus homens. Hank e Jenny voltaram-se e viram, ao longe, as chamas alterosas do pavoroso incêndio, que ia devastando tudo. Entretanto, Benson, ao chegar

a pouca distância do local do fogo, exclamou desolado:

— Todos os armazéns incendiados e até mesmo a plantação...

— Os vigilantes estão mortos! — disse um dos vaqueiros.

— Não há que ver! — exclamou Mike. - Foi uma sublevação! Mataram os nossos homens e incendiaram tudo.

— Eu já tinha avisado esse estúpido Sidi que não levasse o seu rigor ao extremo. O resultado está à vista.

— Havia alguma «mercadoria»? — perguntou Mike.

— Mais do que nunca. É um duro golpe para mim.

— E agora?

— Terei de pagar de indemnização uma verdadeira fortuna. Mais de um milhão de dólares...

Resignado com esse prejuízo, visto não se poder salvar coisa alguma, voltaram para casa, onde encontraram já Jenny e Hank que, fingindo não saber de nada, perguntaram a

Benson o que se tinha passado. O rancheiro contou-lhes tudo, em pormenor.

— E havia muito algodão nos armazéns?

— Estavam atestados. Um prejuízo incalculável.

— Provàvelmente, esses homens sublevaram-se por serem tratados com dureza...

— Cala-te e não digas tolices — interpôs-se Mike.

— Porventura «miss» Benson não pode dar a sua opinião? — perguntou Hank.

— Eu não falo consigo! — replicou Mike. — Julga que eu sou como qualquer desses desgraçados, que fez caminhar descalços?

— É como eles, um cobarde. Porque não dizes a teu patrão que persegues sua filha por toda a parte, chegando a ameaçá-la...

— Isso não é verdade, Benson.

— É, sim, papá! Ele próprio me disse que, se não acedesse aos seus

desejos, te mataria, como fez com Holmes...

— Não é verdade, Benson! O que eu disse é que era capaz de matar este rapaz — referia-se a Hank.

— És demasiado cobarde para matar alguém cara-a-cara. E só um cobarde é capaz de ameaçar de morte o pai da mulher que deseja...

— Não faças caso, Benson! Isso...

— Vai-te embora da minha vista, antes que eu perca a cabeça.

Mike saiu logo, encaminhando-se para o pavilhão dos encarregados. Ia nervoso e assustado.

CAPíTULO X

Quando nesse dia, Jenny foi à cidade, acompanhada de Hank, encontrou-se com Carol, a quem o apresentou, dizendo-lhe mesmo que estavam noivos.

A jovem professora alegrou-se com o facto, encaminhando-se os três para o xerifado, a fim de Jenny apresentar Hank ao xerife.

Foram encontrá-lo a trabalhar. Feitas as aparesentações, os quatro conversaram animadamente durante algum tempo, acerca dos útlimos acontecimentos ocorridos nas plantaçõecs de algodão.

Entretanto, no rancho Dois Mundos, Benson mandava chamar Mike, aproveitando-se da circunstância de Jenny ão se encontrar em casa:

— Custa-me a crer que seja ve dade o que minha filha disse:

— Podes estar certo de que a si inetnção, ao dizer isso, foi de tu m despedires...

— Talvez, sim... E para falar ver dade não me agrada nada este dou tor, e menos ainda que minha filh se enamorasse dele. Se não tivess vindo recomendado por Miller...

— Por que não falar com ele?

— É o que vou fazer... Tomarei amanhã a diligência para a capital, para ver se consigo que destituam Eddie e Abel, para ficarmos à vontade... E sabes? Desconfio muito destes passeios do doutor...

— Porquê?

— Não andará ele a procurar a «mercadoria»?

— Agora, é difícil encontrá-la.

— Tens razão, sim... Falarei com Miller, e no regresso lhes direi o que tem de fazer-se...

Mike voltou para junto de But, para lhe dar conta da entrevista.

À tarde, quando Jenny regressou ao rancho, Benson perguntou-lhe:

— Estiveram na cidade?

— Estivemos.

— Que disse o xerife? Ele deve estar aborrecido comigo. Mas eu não tenho a culpa de que Holmes tivesse morrido de uma forma diferente daquela que ele assegurou.

— A acusação foi feita por um companheiro de Holmes que presenciou... Abel não fez mais do que cumprir com o seu dever...

— Ele devia fazer caso do que eu lhe disse... Que fechasse os olhos... Devia ter-me mesmo ajudado, visto que me deve bastante... E uma peleja entre vaqueiros, não tem importância.

— Não foi uma peleja... foi um crime...

— Não dizes nada, doutor?

— Que quer que eu diga, se não estava aqui quando isso aconteceu!? Mas pelo que o xerife me contou, e pela denúncia do vaqueiro, Holmes

foi morto pelos dois capatazes Mike e But, que o espancaram brutalmente com duas enxadas...

— Basta. Não falemos mais nisso, doutor... Amanhã, tens de ir ver ao barracão uns feridos, por causa do incêndio...

— Eles que venham aqui... Jenny me ajudará...

— Porquê, Jenny?

— Porque será em breve esposa de um doutor e é conveniente que se vá acostumando...

Benson procurou mudar de conversa.

— Queres alguma coisa para Miller? Vou amanhã falar com ele...

— Diga-lhe que estou bem...

— Vais a Phoenix? — perguntou Jenny.

— Vou, sim. E verás como Eddie e Abel serão demitidos dos seus cargos...

— Talvez se engane! — disse Hank, sorrindo.

★

Nessa tarde, ao escurecer, os dois jovens saíram a passear, tendo tido Jenny o cuidado de soltar os cães, levando-os na sua companhia.

Entretanto, Benson tinha mandado chamar o encarregado Tom Griffiths, para falar com ele. Apesar, porém, de todas as precauções, Jenny viu Tom entrar no pavilhão dos capatazes.

— Acho isto estranho! Não sei porquê, mas tenho medo.

— Não acontecerá nada!...

— Tenho a certeza de que querem fazer-te mal...

Os dois esperaram bastante tempo que Tom voltasse. Apareceu, ao cabo de meia hora, encaminhando-se na direcção dos «cow-boys», não tardando a sair com três. Mas em vez de tomarem o caminho de casa, dirigiram-se para o lado da cerca de arame farpado, deitando-se no solo, a fim de passagem por baixo para o

outro lado. Jonny conteve os cães. Os três vaqueiros puseram-se em pé e olharam em todas as direcções.

— Eu não te dizia? — murmurou Jenny. — Estão à nossa procura. Vou pregar-lhes um susto com os cãees.

— Não! É melhor com o meu «Colt»...

— Podem ouvir...

— Não ouvirão.

Continuaram escondidos, mantendo os animais presos.

Benson tinha-se metido tranquilamente na cama, adormecendo logo.

Mas não tardou a despertar, sobressaltado. Ouvira o ladrar furioso dos cães.

Ainda escutou uns segundos. Depois, voltou-se e tornou a adormecer.

CAPÍTULO XI

Benson levantou-se cantarolando, lavou-se, consultou o relógio para ver as horas, pois tinha de ir a Rodwood e dispos-se a sair para tomar o pequeno-almoço. Foi então que se pôs nervoso. Tinha medo do que sua filha pudesse dizer-lhe.

Abriu a porta do seu quarto e abafou um grito de espanto, pondo as mãos na boca.

Em frente da porta estavam os cadáveres dos vaqueiros. Recuou assustado; nao se atrevia a passar por cima deles. Com uma palidez de morte e a tremer, fitava, espantado, os três mortos. Eram os que Tom dissera que tinha encarregado de matar Hank.

De súbito, ouviu a voz de Jenny.

— Papá! Não desces para vir tomar o pequeno-almoço? Faz-se tarde.

O pânico impediu-o de responder. Ouviu passos na escada. Decidiu-se a sair. Mase Jenny apareceu:

— Que é isto? Por que deixaste aqui estes mortos? Que aconteceu? Que tens? Estás doente? Queriam roubar-te? Fizeste bem em matá-los!

Desconcertado, e cada vez com mais medo, Benson olhava para sua filha, sem proferir uma palavra.

— Mas que aconteceu? Estás a tremer!... Parece impossível que um homem que tem feito tremer tanta gente, esteja assim...

— Eu... não... fiz... não... mandei...

E tornou a meter-se no seu quarto. Jenny correu à escada para chamar:

— Hank! Vem cá!... Vem atender meu pai...

Ela estava agora certa de que fora seu pai quem deu ordem para matarem Hank. E tinha de conter este para que não o matasse.

— Papá! Vamos à cidade! Deves

tranquilizar-te... Se outros tentam fazer o mesmo, não deves tremer. Dispara e mata... como fizeste com esses homens... Vamos dizer a Abel que não tiveste outro remédio senão matá los. É possível que te detenha até esclarecer as coisas, mas não tens mais do que dizer que tentaram entrar no teu quarto à força...

Benson compreendeu que tentavam culpá-lo da morte dos três vaqueiros, e que Abel prendê-lo-ia até esclarecer as coisas. Não! Não podia consentir que Abel o prendesse. Seria capaz de enforcá-lo pelo outro crime.

Ouviu os passos de Jenny ao afastar-se. Entreabriu a porta.

Foi à janela e viu os dois jovens caminharem, a par, levando o cavalo pela brida. Desceu então a correr à sala-de-jantar para tomar o pequeno-almoço e ordenar os seus pensamentos. Mas quando ia a entrar ficou como que pregado no chão. Tom estava morto, sentado numa cadeira. Soltou um grito horripilante, que fez

com que os criados acudissem, os quais ficaram também apavorados. Quando reagiu, Bensou mandou chamar Mik e But. Com estes também aconteceu o mesmo.

— Os cadáveres dos três vaqueiros estão em frente da porta do meu quarto. Foi ele quem os matou. E como sabe que eu mandei chamar Tom e que este é que contratou os três vaqueiros, preparou esta cena macabra. E, para maior cúmulo, vão denunciar-me ao xerife, como autor destas quatro mortes.

— O melhor é não ir hoje à cidade — aconselhou Mike. — Esperaremos o regresso dos dois, onde eles não podem supor, e dispararemos contra eles, ainda que seja à traição!

Nenhum dera pela desaparição dos dos cães de guarda, que tinham ido com Jenny e Hank, no carro dela,

Mike e Bent prepararam os vaqueiros que haviam de esperar escondidos que Jenny e Hank regressassem, a cavalo, da cidade. Benson passou o

dia nervoso, receando a morte de sua filha, acompanhada pelo xerife. As suas ordens eram que só ela chegasse viva ao rancho. Os três bandidos, entretanto, estavam ocultos, esperando que Hank e Jenny voltassem da cidade. Por isso, quando já noite ouviram o ruído das rodas de um carro, ficaram dernorteados, sem saber o que fazer, visto que às vezes alguns amigos de Benson o aproveitavam.

Como estudara bem o terreno, quando se encaminhavam para a cidade, calculou logo onde era a sítio ideal para a emboscada, e quando já estavam a cerca de vinte metros do local, fizeram saltar para o solo os dois cães, a quem Jenny disse em voz baixa: «Busquem!» Isto era o bastante para que não ladrassem. E como se compreendessem qual era a sua missão, procuravam em silêncio as suas vítimas. O attaque dos alãos foi tão rápido e inesperado que os emboscados nem tiveram tempo de defender-se. Os cães, como verdadei-

ras feras, tinham-se atirado às goelas dos salteadores, esfacelando-as, dando-lhes morte imediata. Foi então que pararam o carro, onde o xerife também ia, na companhia de Hank e Jenny. A jovem reconheceu logo que os bandidos pertenciam à equipa de Mike.

— Como vês, — disse Hank — teu pai preparou esta cilada para nos matar.

— Mas não o matem... — E ante o assombro de Hank e de Abel, explicou. — Um dia, uma tia minha, irmã de minha mãe, foi visitar-me e contou-me que eu já não tinha pais. Haviam sido assassinados por um grupo de cavaleiros que roubaram tudo que havia em casa, jóias e dinheiro, levando-me também com eles. Dois dias depois, os salteeadores apareceram mortos à excepção de um — Benson, que eu julguei sempre que fosse meu pai...

— Mas como soube ela que tu eras sua sobrinha?

— Ao saber que eu tinha pais, ela julgou tratar-se de uma coincidência de nomes. Mais de uma vez, era eu pequena, ouvi discutir os Benson. Apesar da idade, compreendi por algumas palavras o mistério da minha vida. Mais ttarde, resolvi escrever-lhe uma carta para procurar saber a verdade. A resposta que dias depois recebi de Kentucky enfureceu Benson. Além disso, consegui averiguar que quando ele chegou aqui com a mulher, me tinham trazido por não terem filhos. Por outro lado, a minha mãe adoptiva, pouco antes de morrer quis revelar-me qualquer coisa. Mas Benson nunca permitiu que eu ficasse a sós com ela. Só a vi, depois de morta...

Nesse momento, o carro chegava ao pé da porta da cerca de arame farpado, que um vaqueiro não tardou a abrir, por ordem de seu patrão que julgava que fossem alguns amigos seus que chegavam.

EPÍLOGO

Ao ver Abel, o velho rancheiro recuou dois passos.

— Um momento, Benson! — disse-lhe o xerife. — Não tem nada a recear... Se aconteceu assim, como Jenny contou, fez bem em matá-los. Isso demonstra-lhe que não pode confiar em todos.

Benson tranquilizou-se, ao ouvir estas palavras, e quando entraram em casa, disse para o xerife:

— Apraz-me saber que não me guardas rancor, Abel. E que concordas que era eu quem tinha a razão... O pobre vaqueiro morreu, atropelado pela manada...

— Foi isso que fizeram crer. Não me enganaram. Mas o que vale, é o que disseram com testemunhas.

Hank e Abel seguiam o plano preconcebido: tranquilizar Benson, para que se confiasse e haviam-no conseguido.

— Disseram-me que Sid morreu com os que o ajudavam nas plantações de algodão! — disse Abel.

— Sim!

— Devia te sido um grande prejuízo... Havia muito armazenado?

— Bastante! Mas, confesso... Sidi era o meu homem de confiança ali. Não compreendo a sua morte desse modo.

— Mas sabe que era cruel.

— Sim. Por isso mesmo, zangava-me com ele.

— Sabia que haviam matado sete homens?

— Censurei-o muitas vezes pela sua crueldade.

— Sabia dessas mortes?

— Só soube depois da sua.

— Não morreram todos? Quem lho disse?

— Os capatazes sabiam...

— E não lhe deram conta disso...

— Entendiam que eram castigos justos, para não deixá-los excederem-se...

— Mas isso era um assassínio em massa — observou Abel.

A Bensão não agradava esta conversa, mas a chegada de sua filha veio salvá-lo.

— Estavam a falar de Sidi, não é verdade?

— Estávamos, sim.

— Era um assassino. Matava sem piedade e castigava os trabalhadores com a maior crueldade.

— Teu pai sabia?

— Claro que sabia. Às vezes, zangava-se com ele por ser tão condescendente.

— Ele disse que só soube disso depois da morte de Sidi e dos outros...

— Não devias mentir assim, papá!

— Não quero que me culpem também dessas mortes...

— E não era responsável? — exclamou Hank. — Não castigava esses

carrascos. Deixou-os continuar com os seus sistemas de terror.

— Não via o que faziam...

— Quem soube que Holmes era o encarregado de dirigir essa sublevação?

— Foi um deles que o disse — confessou Benson.

— E foi por isso que o mataram por sua ordem? — perguntou Abel.

— Bem sabes que ele morreu, em virtude do gado se espantar.

— Não! — exclamou Jenny — Foram Mike e But que o mataram!

— Não deves dizer isso — retorquiu Benson. — Há o testemunho de dois vaqueiros.

— Diga-me, Benson... — interveio Abel. — Por que deu ordem a esses três homens, que nos esperavam no caminho, que disparassem também sobre Jenny?

— Isso não é verdade! — respondeu, a tremer. — Eu recomendei sempre que não te fizessem mal.

— O que quer dizer que deviam

matar-me — retorquiu Hank, empunhando o «Colt».

— Jenny! Minha filha! Vais permitir que me matem?

— E quantos tu mataste? Foram dezenas as vítimas que fizeste, sem que a mão te tremesse... Monstro!...

— Eu não ordenei que matassem Holmes... Só recomendei que o assustassem, para ele se ir embora.

— Mas quiseste destituir Abel e Eddie porque queriam castigar os seus assassinos... És um monstro! Por que mataste meus pais? Julgavas que eu não sabia?

Bensou pendeu a cabeça.

— Quem recebe o cânhamo de Manila que vai entre o algodão? — pergntou Hank.

Vencido pelo peso dos argumentos, acabou por confessar os seus crimes.

— E foram eles, é verdade, quem assassinou esse rapaz... — concluiu.

— Sabes como ele se chamava? Holmes Morris! — replicou Hank. — Era meu irmão! Tinha a missão de

descobrir como o cânhamo passava por aqui.

Bensou, inesperadamente, sacou o revólver, mas não o utilizou. Duas balas furaram-lhe a cabeça. Abel e Hank não perderam tempo. Foram ao pavilhão dos capatazes, onde Mike e But tiveram morte semelhante à que deram a Holmes.

★

— Vendemos o imenso rancho, em seis lotes iguais, transformados em outros tantos ranchos. Com esse dinheiro e com o que Benson tinha no Banco fundámos a Instituição Morris, para crianças desvalidas.

— Boa obra.

— Foi o melhor emprego que podíamos dar a esse dinheiro, tão mal conseguido. E quem dirige essa instituição são Eddie e Abel, que estão casados com Marge e Carol, que os ajudam nessa obra.

FIM

CHUVA DE ESTRELAS

MAY BRITT

EDITORIAL IBIS. LTDA.

DISTRIBUIDOR: LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L. - RUA GARRET, 73 - LISBOA

[redacted] :